

CAPE VERDEANS IN AMERICA OUR STORY



tchuba THE AMERICAN COMMITTEE FOR CAPE VERDE

TCHUBA means rain in Crioulo, the language of the Cape Verdean people. Throughout five centuries of Portuguese colonial rule in our drought ridden West African islands, our poets and song writers have used the word as a metaphor or symbol for "hope".

TCHUBA, the American Committee for Cape Verde, is an independent, non-profit, tax exempt organization. **TCHUBA** is engaged in the production of educational materials and programs for use in America as well as self-help development programs in the Republic of Cape Verde.

The leadership of **TCHUBA** is composed of Cape Verdeans, Cape Verdean-Americans, and other individuals who share our dedication to "life for Cape Verde" and to cultural pluralism in American life.



Schooner ERNESTINA
30 Union Street

The development of this document was supported in part by a grant from the United States Office of Education, Department of Health, Education, and Welfare. However, the opinions expressed herein do not necessarily reflect the position or policy of the United States Office of Education, and no official endorsement by the United States Office of Education should be inferred. Permission to reproduce for instructional purposes is granted if acknowledgement is made to the American Committee for Cape Verde, Inc. 1978.

A Teacher Guide for use with these materials is obtainable from **TCHUBA**. Cape Verdeans in America: Our Story is also available through ERIC Document Reproduction Service (EDRS).

Price \$4.00 Bulk Rates Available

© Copyright 1978 The American Committee for Cape Verde, Inc.
14 Beacon St. Boston MA. 02108

CAPE VERDEANS IN AMERICA

OUR STORY

**PA NHA FIDJO—PA'EL PODÊ CONCHÊ ÊSCAMIN LONGE EDIFÍCIL
QU' NÔS GENTE TIVE QU' PASSÂ.**

compiled and edited by
Raymond Anthony Almeida

based on original unpublished manuscripts by
Michael K.H. Platzer
and
Deirdre Meintel Machado

with additional research by
David Tyack
David Baxter
Karen Rhodes

with the editorial assistance of
Patricia Nyhan
Manuel Pires Monteiro
Yvonne Smart
Virginia Gonsalves De Pina
Oling Monteiro Jackson
Manuel E. Costa
Mary Santos Barros
Virginia Neves Gonsalves

Layout and technical assistance by
Bob Oliver

Cover: Joaquim Almeida of São Nicolau and New Bedford, Mass. (*Photo by Ron Barboza*) and the whaler *Charles W. Morgan* photographed for the filming of the 1922 movie *Down to the Sea in Ships* (*Photo by Elmer Clifton Productions*.)

Prefácio

O período que decorreu entre os meados do Século XIX e a Segunda Guerra Mundial é aquele de que a maioria dos Caboverdiano-Americanos conserva memórias de uma estreita relação familiar. Esta foi, de facto, a era da maior migração de Caboverdianos para os Estados Unidos. Em 1922, contudo, o Congresso dos Estados Unidos decretou novas leis que restringiram a imigração de pessoas de côn. A corrente regular de novas chegadas de pessoas de Cabo Verde diminuiu dramaticamente, passando a um número realmente insignificante. Por outro lado, o número de Caboverdianos que às Ilhas regressavam para visitas periódicas decresceu pelo medo de que poderiam ter dificuldades em voltar aos Estados Unidos. Os anos de guerra acabaram virtualmente com o ritmo já irregular do tráfico marítimo entre Cabo Verde e o Sudeste da Nova Inglaterra. A comunidade Caboverdiana radicada nos Estados Unidos encontrava-se efectivamente separada dos Caboverdianos nas Ilhas e assim se conservariam pelos próximos trinta anos, desenvolvendo-se separadamente, sem aquela regular e benéfica interacção que sempre tem sido característica da experiência Caboverdiana.

Os Caboverdianos, da mesma forma que todos os outros grupos *culturais* que entraram para a sociedade Americana, aceitaram no seu seio características, crenças, atitudes, comportamentos, formas artísticas, etc., de vários outros grupos. Na medida em que este processo de *comparticipação, empréstimo, justificação, rejeição e modificação* continuou, os Caboverdianos tornaram-se no grupo *étnico Caboverdiano-Americano* que hoje conhecemos. Um grupo cultural só se torna num grupo *étnico-cultural* quando aquele começa a comparticipar activamente com outros grupos culturais e é modificado por esta contínua interacção.

As décadas de 1922/1965 traduziram-se em anos de separação para a família Caboverdiana. Nas Ilhas, o povo lutava contra contínuos ciclos de seca, fome e doença. Durante as quatro décadas que se seguiram à 1ª Guerra Mundial a negligência colonial de Portugal aumentou de intensidade, reflectindo-se, principalmente, nos campos económico e de necessidades humanas nas Ilhas de Cabo Verde. Com as portas do E. U. A. efectivamente fechadas, os Caboverdianos começaram a emigrar em grandes números para a Europa, América do Sul e África Ocidental. Outros, face à perspectiva de anos de desemprego, assinaram contratos de trabalho e partiram para o calor Equatorial para trabalhar nas plantações (roças) de São Tomé. Durante este período, muitos Caboverdianos nas Ilhas receberam cartas, com regularidade, e uma rara e bastante irregular visita dos "Merecanos", os seus parentes Americanos. Invariavelmente, as cartas incluíam fotografia de um primo bem nutrido e bem vestido que tinha sido bem sucedido no Novo Mundo. Só raras vezes um visitante Caboverdiano-Americano dizia das penosas e longas horas de trabalho nas fábricas de têxteis ou do pesadíssimo labor da apanha da airela vermelha (cranberry). Ninguém mencionou a pobreza e o racismo a que todas as pessoas de côn eram sujeitas nos Estados Unidos.

Com o tempo, o Sonho Americano conquistou muita gente em Cabo Verde. Os Ilhéus agarraram-se rapidamente à velha mitologia de que a honestidade e um trabalhar diligente levariam necessariamente a um bom sucesso financeiro na América. Os Ilhéus estavam convencidos de que lhes bastava conseguir entrar na América, trabalhar rijamente, educar os filhos e obedecer as leis. Pensavam eles que esta protege-los-iam e bem assim as suas propriedades contra todas as formas de exploração.

Com a passagem das leis de liberalização da imigração, em 1965, acelerou-se o processo de reunificação das famílias Caboverdianas. Na medida em que estes recém-chegados começaram a estabelecer-se em Boston, Brockton, Scituate e New Bedford, Massachusetts; Pawtucket, R.I.; Waterbury, Connecticut; Brooklyn, New York, e noutras comunidades ao longo da costa Leste, eles tiveram que enfrentar uma realidade Americana para a qual não se encontravam preparados. Para além de um grande número de problemas de sobrevivência relacionados com emprego, habitação, discriminação racial e impotência política das suas comunidades, estes novos imigrantes tiveram ainda que enfrentar um outro fenômeno: o grupo étnico Caboverdiano-Americano. Estes descendentes daqueles que tinham chegado sessenta ou cem anos atrás pareciam-se fisicamente com os novos imigrantes, mas em quase todos os outros aspectos constituíam um povo bastante diferente. Um e outro conhecia muito pouco da história recente e da forma de sentir e de proceder do outro grupo.

Cape Verdeans in America pretende fornecer uma estrutura que sirva de base de meditação sobre a experiência daqueles Ilhéus que se estabeleceram nos Estados Unidos antes de 1922. A nossa história não inclui reis, generais famosos e magnates do comércio ou da indústria. O herói na nossa história é o povo Caboverdiano. A verdadeira medida do seu gênio criador é a sua teimosa persistência como povo, apesar de cinco Séculos de negligência colonial, racismo e exploração económica. Esperamos que este opúsculo sirva para melhorar o entendimento e a compreensão entre os membros da família Caboverdiano-Americana.

R.A.A.

Preface

The period of time between the mid-19th century and World War II is the context for the family memories of most Cape Verdean-Americans. This was the era of the largest migration of Cape Verdeans to the United States. In 1922, the United States Congress enacted new laws restricting the immigration of peoples of color. The steady stream of new arrivals from Cape Verde receded to a mere trickle and fewer Cape Verdeans travelled back to the islands for periodic visits for fear that they would have difficulty returning to the States. The war years virtually ended the casual pattern of ocean traffic between Cape Verde and southeastern New England. The immigrant community in America was effectively separated from Cape Verdeans in the islands. For approximately the next thirty years the two communities were left to develop without the regular cross fertilization that had always been characteristic of the Cape Verdean experience.

Cape Verdeans like all *cultural* groups that had entered American society borrowed characteristics, beliefs, attitudes, behaviors, art forms, etc. from many other groups. As this process of sharing, borrowing, justifying, rejecting, and modifying continued, Cape Verdeans became the Cape Verdean-American *ethnic* group we know today. A cultural group becomes an *ethnic cultural* group only when it begins to actively interact with other cultural groups and is changed by that continuing interaction.

These decades (1922–1965) were years of separation within the Cape Verdean family. In the islands the people were wrestling with continuing cycles of drought, famine, and disease. Throughout the four decades following World War I Portugal increased its colonial neglect for the economic and human needs of the Cape Verde Islands. With the doors to America effectively closed, Cape Verdeans began to emigrate in larger numbers to Europe, South America, and West Africa. Others, faced with the prospect of years of unemployment, signed contract labor agreements and went off to work in the equatorial heat of the São Tomé plantations. Throughout this period, many Cape Verde Islanders regularly received letters and irregularly—rarely—a visit from the '*mercanos*', their American relatives. Invariably the letter would include a photograph of the well fed, well dressed cousin who had achieved success in the New World. Seldom would a visiting Cape Verdean-American recount the drudgery of long hours in the textile factories or the back-breaking labor of the cranberry harvest. No one told of the poverty and racism which was common fare for all peoples of color in the United States.

In time, the *American Dream* took hold of many people in Cape Verde. Islanders held fast to the ancient mythology that honesty and hard work would necessarily lead to financial success in America. Islanders were convinced that all they would have to do was get to America, work hard, educate their children and obey the laws. Then, they thought the law would protect them and their property from all manner of exploitation.

With the enactment of the liberalized immigration laws of 1965, the process of reuniting Cape Verdean families accelerated. As these newcomers began to arrive in Boston, Brockton, Scituate, and New Bedford, Massachusetts; Pawtucket, Rhode Island; Waterbury, Connecticut; Brooklyn, New York; and other communities along the east coast, they came face to face with an American reality they were not prepared for. In addition to a host of survival issues related to employment, housing, racial discrimination, and the political impotence of their communities, the new immigrants were confronted with the phenomena of the Cape Verdean-American ethnic group. These descendants of those who had made their way to America sixty or one hundred years ago looked like the new immigrants but in almost every other way they were a vastly different people. Each group knew little of the other's recent history and treasured memories.

Cape Verdeans in America attempts to provide a framework for thinking about the experience of those Islanders who settled in the United States before 1922. Our story is not one of kings, famous generals and business tycoons. The hero in our story is the Cape Verdean people. The true measure of their creative genius is their stubborn persistence as a people in the face of five centuries of colonial neglect, racism and economic exploitation. We hope it helps to close the information gap within the Cape Verdean-American family.

R.A.A.

Fig. I.

View of the Island of FOGO or FIRE.

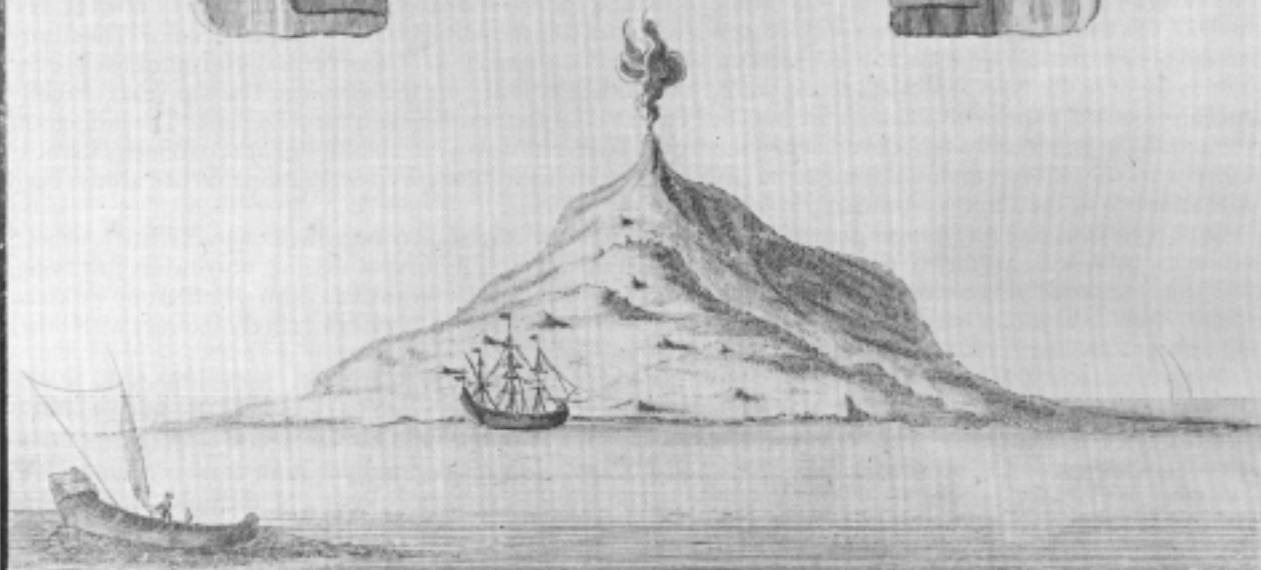


Fig. II.

Puerto Grande or
HARBOUR of S. VINCENT.
from Nieuhoff



CONTENTS

PREFACE	4
I. EARLY CONTACTS	8
II. WHALING	16
III. THE CAPE VERDEAN-AMERICAN PACKET TRADE	28
IV. A NEW LIFE IN AMERICA	48
FOOTNOTES	60
BIBLIOGRAPHY	62

